



GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades

ISSN 2177-3688

INTERSECÇÕES HISTÓRICAS, TEÓRICAS E PRÁTICAS DA MUSEOLOGIA: CONSIDERAÇÕES DO FAZER DA MUSEOLOGIA SOCIAL PARA FUNDAMENTAR A MUSEOLOGIA LGBTQIA+

HISTORICAL, THEORETICAL AND PRACTICAL INTERSECTIONS OF MUSEOLOGY: CONSIDERATIONS ABOUT THE SOCIAL MUSEOLOGY'S PRODUCTION TO SUPPORT LGBTQIA+ MUSEOLOGY

Sérgio Rodrigues de Santana - Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Eliane Epifane Martins - Instituto de Educação do Estado do Pará (IEEP)

Maytê Luanna Dias de Melo - Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Raimunda Fernanda dos Santos - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Carla Daniella Teixeira Girard - Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: A Museologia Social é uma abordagem da Museologia que promove reflexões e atualizações das instituições museais aos novos protagonistas. Considerando o fato, quais as intersecções históricas, teóricas e práticas da Museologia quanto ao legado LGBTQIA+ na Museologia Social? Objetivo: discutir a fenomenotécnica da Museologia Social e da Museologia LGBTQIA+, interpretando os vetores epistêmicos do fazer da Museologia Social LGBTQIA+. Justificativa: instauração do Novo Espírito Científico, que é o alargamento dos quadros do conhecimento na Museologia. Método: Hermenêutica, abordagem quanti-qualitativa, a teoria dos estudos da Museologia Social e orientação epistêmica histórica-crítica bachelardiana. Análise: o fazer da Museologia Social sob o legado LGBTQIA+ aponta para três dimensões epistêmicas a 'Identidades e Memórias', a 'Reparação e justiça social' e 'Riscos e Proteção do futuro'. Conclusão: A Museologia brasileira tem promovido reflexões e atualizações de suas fenomenotécnica, assim o novo espírito científico do campo se encontra em expansão. O alargamento dos quadros do conhecimento na área evidencia um avanço teórico do seu fazer através das temáticas que constituem a Museologia LGBTQIA+.

Palavras-chave: museologia social; museologia LGBTQIA+; informação gênero-sexualidade; Fenomenotécnica; Epistemologia.

Abstract: Social Museology is an approach to Museology that promotes reflections and updates of museum institutions to new protagonists. Considering the fact, what are the historical, theoretical and practical intersections of Museology regarding the LGBTQIA+ legacy in Social Museology? Objective: discussed the technical phenomenon of Social Museology and LGBTQIA+ Museology, interpreting the epistemic vectors of LGBTQIA+ Social Museology. Justification: establishment of the New Scientific Spirit, which is the expansion of the knowledge framework in Museology. Method: Hermeneutics, quantitative-qualitative approach, the theory of Social Museology studies and Bachelardian historical-critical epistemic orientation. Analysis: the practice of Social Museology under the LGBTQIA+ legacy points to three epistemic dimensions: 'Identities and Memories', 'Reparation and social justice' and 'Risks and Protection of the future'. Conclusion: Brazilian Museology has promoted reflections and updates of its technical phenomena, thus the new scientific spirit of the field is expanding. The expansion of knowledge in the area highlights a theoretical advance in its work through the themes that constitute LGBTQIA+ Museology.

Keywords: Social Museology. LGBTQIA+ Museology. Gender-sexuality information. Phenomenon technique. epistemology

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, o ensino de Museologia inicia em 1922, assim ela tem um século de existência e de revoluções políticas e institucionais (COSTA, 2017). Esse ‘recorte temporal’ permite pensar sua fenômenotécnica¹, a qual que versa nas condições de realização científica na construção dos objetos científicos (BACHELARD, 1996). Pensar a fenômenotécnica museológica, significa verificar sua evolução e alguns avanços, especialmente, quando se destaca o legado LGBTQIA+. Nesta pesquisa, o legado LGBTQIA+ se refere às identidades (estéticas, subjetividades e intersubjetividades), a memória (história), a cultura (costumes, hábitos, práticas expressões e domínios), o patrimônio (i)material LGBTQIA+ (artefatos tecnológicos e culturais) e também a informação gênero-sexualidade. Essa última, por sua vez, diz respeito aos conteúdos informacionais e comunicacionais com potencial de orientar e/ou agenciar as demandas específicas e intraespecíficas LGBTQIA+ (SANTANA *et al.*, 2022).

O artigo 44 do Estatuto de Museus, a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, determina-se explicitamente que os museus brasileiros elaborem e implementem o plano museológico, em que um dos pontos do plano se refere à preparação do museu para novas realidades (BRASIL, 2009). Como tal, a Museologia LGBTQIA+ procura alinhar a relação entre a instituição museu e as realidade dos sujeitos LGBTQIA+ através de seu legado, e isso depende do empenho e sensibilidade epistêmica multidisciplinar entre os museólogos sociais e cientistas da Informação.

Diante do exposto, surge o seguinte questionamento: como se configura o fazer da museologia social no decorrer da abordagem histórica, teórica e técnica quanto ao legado LGBTQIA+? O objetivo deste trabalho versou em discutir a fenômenotécnica da Museologia Social e da Museologia LGBTQIA+, interpretando os vetores epistêmicos do fazer da Museologia Social LGBTQIA+. A justificativa deste artigo parte da ideia de contribuir para as reconfigurações do fazer da museologia para promoção do Novo Espírito Científico, o alargamento dos quadros do conhecimento da Museologia, logo da Museologia Social no acolhimento da Museologia LGBTQIA+.

¹ São as condições de realização científica na construção dos objetos científicos (BACHELARD, 1996).

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste estudo optou-se pela pesquisa bibliográfica com abordagem mista quanti-quali, pois ela intersecciona dados numéricos, estatísticos, teóricas e autorias da avaliação de um campo científico e de suas condições de produção.

Adotou a Hermenêutica, método que se aplica por duas perspectivas: a epistemológica que versa sobre a interpretação de textos, discurso, falas e argumentos; e a ontológica, adotada nesta pesquisa, essa que remete para a interpretação de uma realidade, ou seja, da Museologia. Nesta pesquisa os sujeitos pesquisadores estão nos lugares epistêmicos que inclui o lugar de fala e de lugar de sensibilidade/aliados (SANTANA *et al.*, 2022), pois o debate sobre as temáticas LGBTQIA+ é de responsabilidade de todos, e ambos os lugares estabelecem as linhas gerais deste método, como as leis e procedimentos para interpretar os significados da Museologia. O método Hermenêutico revela-se pertinente na Museologia, e, especialmente, nesta investigação, pois ele permitiu que o estudo se mantenha sob o escudo do paradigma interpretativo, respeitando o compromisso entre o sujeito de lugar de fala (LGBTQIA+) e o objeto de investigação (legado LGBTQIA+), bem como permitindo consistência do trabalho teórico (ALMEIDA, 2022).

Para Sanches (2013) o método Hermenêutico recorre ao Círculo de investigação para manter o foco do investigador e dar conta da sua tarefa, pois ele é um construtor de pontes entre a realidade, o leitor, o texto e o produtor; o ato da sua escrita e o ato da sua leitura e o sujeito e a sua situação. Nesta pesquisa optou-se pela circularidade/espiral visto que para Nonaka e Takeuchi (1997), o espiral é a representação da construção do conhecimento e o conhecimento em si, em que ambos funcionam de forma contínua de significados.

O modelo proposto na Ciência da Informação por Almeida (2022) de Círculo de investigação inclui seis etapas: **1) Pré-compreensão:** a qual diz respeito à fase preparatória da pesquisa, assim se visualiza o fluxo composto por processos que inclui a procura, seleção, aquisição, leitura prévia e organização de recursos textuais e materiais, ou seja, o *corpus* da pesquisa; **2) Reconhecimento de preconceitos:** versa na contextualização dos recursos e de seus autores, assumindo-se um compromisso entre o objeto e o sujeito da investigação. **3) Fusão de horizontes e contextos:** realização da leitura dos documentos/fenômenos e o cruzamento dos autores, desembocando em nova procura ou na interpretação. **4) Escuta da literatura científica:** retirada dos significados, se identificam as ideias-chave e as

problemáticas, se avaliam práticas e se detectam as lacunas. **5) Aplicação de sentido** constitui o resultado concreto das etapas anteriores e é uma construção efetiva de (novo) conhecimento, assim e episteme é concluída; **6) Interrogação:** a reflexão e o questionamento sobre a validade da própria construção são considerados. Corresponde à verificação ou à avaliação do trabalho realizado, na modalidade definida pelo investigador (ALMEIDA, 2022).

A inclinação histórica-crítica bachelardiana versa em analisar e interpretar os avanços epistêmicos e possíveis obstáculos epistêmicos no desenvolvimento da Museologia. O primeiro se compreende, entre outros, um conjunto de fatores que inclui também a *senciência*² do fazer, a abertura de pensamento, a Responsabilidade Social da Ciência, a admissão dos erros, enquanto o segundo, segundo Bachelard (1996) são os entraves mentais e materiais que impedem o campo avançar, o que inclui a desvalorização do conjunto de fatores citados.

3 MUSEOLOGIA SOCIAL: PERCURSO HISTÓRICO

Há um consenso que revela serem insipientes as discussões epistêmicas sobre a Museologia Social (TOLENTINO, 2016), fato compressível pois ela surgiu na década de 1970. As discussões sobre o legado LGBTQIA+ também carecem de serem contempladas no campo da Museologia, pois com abertura de pensamento da Museologia, a Museologia LGBTQIA+ que compreende uma categoria conceitual vem sendo formulada apenas há dez anos por pesquisadores, estudantes e trabalhadores de museus. Todas as ciências nascem e evoluem por fatores específicos no tempo-espço, isso inclui a Museologia.

A Museologia LGBTQIA+ parte das Museologias dissidentes, ela é a uma abertura de mentalidade e nela não se pensa e nem fala do sujeito a partir do prisma colonialista, pois a Museologia LGBTQIA+ é o espaço dos corpos e *psiques* historicamente violentados (CASTRO; LADEIA, 2022). Mas, o mais impotente é que abertura de pensamento atinja a Museologia Social, já que ela propõe reflexões e atualizações das instituições museais em relação à realidade do mundo pós-moderno e visualiza novos protagonistas, incluindo o sujeito LGBTQIA+ como sujeito pós-moderno, haja vista que a comunidade LGBTQIA+ é diversa. Para Chagas e Gouveia (2014, p. 17), a Museologia Social “está comprometida com a redução das injustiças, desigualdades, preconceitos; com a melhoria da qualidade de vida coletiva e com o

² A capacidade de sentir, importa-se com o que sente e experimenta satisfação e frustração.

fortalecimento da dignidade e da coesão social”. Assim, se utiliza o poder da memória, do patrimônio e do museu a favor das comunidades subrepresentadas, como indígenas, quilombolas, e o sujeito pós-moderno, com os LGBTQIA+.

Para Hall (2006, p. 13), o sujeito pós-moderno não possui uma identidade apenas fixa e unificada, ele possui uma identidade também múltipla, pois “há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”. O sujeito pós-moderno tem o lugar de fala e o protagonismo, pois ancorado em Ribeiro (2017) e Spivak (2010) apenas pode falar com propriedade do preconceito e discriminação que lhes afetam. Assim, enfatizar que é uma ancoragem que visualiza as instituições museais mais democráticas e inclusivas, em o que inclui ela se apoia as seguintes tendências apontadas por Moutinho (1993) como: a expansão da noção de patrimônio; a participação das comunidades na definição e na gestão das práticas museológicas e a museografia como meio autônomo de comunicação e a utilização das TIC.

Assim, pontos como a função social dos museus, a responsabilidade política do museólogo, o novo fazer museológico e a participação e a apropriação comunitárias, passaram a ser amplamente debatidas em alguns eventos internacionais, como na Mesa Redonda de Santiago do Chile, ocorreu entre os dias 20 e 31 de maio de 1972, contando com a presença de representantes dos seguintes países: Chile, Bolívia, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Equador, Guatemala, México, Panamá, Peru e El Salvador, e com Esteve presença do diretor do Escritório Regional da Unesco. O objetivo geral do evento era discutir os problemas e as potencialidades dos museus, o qual deu origem ao marco da Nova Museologia, resultando também na Carta de Santiago do Chile, que compilava as resoluções dos participantes. Nesta carta ficou definido dentre outras coisas, pensar em um museu ideal “Museu Integral” sob uma perspectiva decolonial, considerando sua potência política e epistêmica no contexto de sua formulação para a região, que se preocupasse, de forma total, com o sujeito humano (SOUZA, 2020). Para Rodrigues (2005), o conceito de Museu Integral aponta às comunidades, uma visão de conjunto do meio natural e cultural integrando a elas ao determinado meio em que cada uma está inserida, através das funções de conservar, de pesquisar e de comunicar.

Apesar de, atualmente, ser evidente a relevância das discussões sobre a fenomenotécnica da museologia, especialmente quando se foca a comunidade LGBTQIA+, ainda na época em que houve o marco da Museologia Social também foi identificada a resistência dos defensores tradicionais, ou seja, dos museólogos e museus tradicionais, que em tese pode

ocorrer cotidianamente através da rejeição de trabalhos e artigos em eventos e periódicos sobre as comunidades subrepresentadas, e apontados por avaliadores apenas como militância. Assim, como repostas simbólicas e práticas do preconceito e discriminação que ocorreu através da XIII Conferência Geral do ICOM, realizada em Londres, em julho de 1983, que formalmente rejeitava o novo pensamento e práticas (DUARTE, 2013). O evento era o Ateliê Internacional Ecomuseus - Nova Museologia, foi a conta ação político-epistêmico, evento que deu origem à Declaração de Quebec em 1984 que ocorreu na cidade de Quebec, no Canadá.

Esse evento reuniu parte dos membros do ICOFOM que defendia o reconhecimento internacional e a promoção de nova fenômenotécnica e campo social (DUARTE, 2013). Assim o evento reafirmou as reflexões do que foi estabelecido na Mesa Redonda de Santiago do Chile, e, mais além, da organização da Nova Museologia e dos princípios básicos, através do diálogo entre diferentes países e realidades museológicas (MOUTINHO, 1993). Entre os dias 6 de janeiro a 6 de fevereiro de 1992, mais uma ação político-epistêmico através da Mesa Redonda de Santiago do Chile aconteceu, em Caracas, na Venezuela, com o Seminário “A Missão dos Museus na América Latina Hoje: Novos Desafios”, que originou a Declaração de Caracas, em 1992. Esse evento contou com participantes da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, Equador, México, Nicarágua e Venezuela. O seminário se propôs a realizar uma análise dos museus, visualizando as mudanças ocorridas na América Latina desde a realização da Mesa de Santiago do Chile, em 1972, assim retomou o documento de Santiago, promovendo sua atualização (RODRIGUES, 2005; ROSA, 2021), em que evidencia a atualização do conceito de museu integral para museu integrado. Rodrigues (2005, não paginado) apresenta essa perspectiva de transformação:

Classificação da função do museu não mais como um papel a ser desempenhado, mas como uma ação completa, comprometida com os acontecimentos das realidades locais, como instrumentos de desenvolvimento. Em outras palavras, há a transformação do museu integral em museu integrado à vida de uma comunidade.

Esse conceito resume de forma político-epistêmica a teoria da Nova Museologia, pois a Declaração de Santiago do Chile, em 1972, introduziu o conceito de museu integral. A Declaração de Quebec, em 1984, sistematizou os princípios básicos da Nova Museologia. Já a Declaração de Caracas, em 1992, pode ser interpretada como uma avaliação crítica de todo o processo, reafirmando o museu como um canal de comunicação. Assim, a Museologia Social

reconfigurou a estrutura do museu tradicional, essa usualmente identificada a partir do acervo (Coleção), edificação (Edifício) e público visitante, em que a Museologia social é vinculada à existência de um território, de um patrimônio e de uma comunidade. O foco é retirado das coleções e voltado para um ‘patrimônio’, esse mais amplo e mais aberto para a relação com as ‘comunidades’ e ‘território’.

4 ANÁLISES E DISCUSSÕES

É imperativo compreender o conjunto referências representadas nas tabelas se destacam como as referências mais frequentes e importantes da fenomenotécnica, ou seja, do fazer da Museologia, da Museologia Social e da Museologia LGBTQIA+.

4.1 Instituições

O **Museu da Diversidade Sexual** e o ‘**Museu Bajubá**’ são ações práticas pensadas a partir das condições, estatutos, planos, missão, mandato, valores e as metas de cada um.

O **Museu da Diversidade Sexual** de São Paulo propõe a preservação da **memória LGBTQIA+**, e tem a arte, cultura, e, sobretudo, acolhimento, valorização das vidas LGBTQIA+, como o agenciamento e desenvolvimento de pesquisas envolvendo essa comunidade. Ele nasceu e vive a partir do diálogo com movimentos sociais LGBTQIA+, da **luta pela dignidade humana** e promoção por **direitos LGBTQIA+** - Museu da Diversidade Sexual, em 2019. Em consonância de evidências, o **Museu Bajubá** é distribuído por quatro polos, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba e São Paulo, focando nas dimensões pesquisa, valorização, salvaguarda e divulgação do **patrimônio histórico** da população LGBTQIA+ interseccionando pontos como: a cidadania cultural da comunidade LGBTQIA+; o patrimônio cultural LGBTI+; o enfrentamento da **discriminação e preconceito**; **direitos fundamentais** da população LGBTI+.

Ambos os Museus delimitam o ano de 2012 o início das articulações de pensar a Museologia LGBTQIA+, assim esse movimento tem dez anos, um recorte recente no âmbito da museologia brasileira, da Museologia Social, como também para a comunidade LGBTQIA+.

4.2 As Ações

As ações incluem também articulações acadêmicas técnico-científicas como criação de mecanismos jurídicos, seminários, periódicos científicos, redes e fundação de grupos de pesquisas e de estudos na museologia.

Destaca-se o **IV Encontro Nacional de Estudantes de Museologia (ENEMU)**, realizado em Goiânia em 2010, onde ocorreu uma mesa redonda que discutiu a temática e, posteriormente, nos anos recorrentes do ENEMU. Durante o Fórum Nacional de Museus do ano de 2010 ocorreu a palestra focando a **Museologia e extermínio da população LGBTQIA+** (Quadro 1, faixa azul), pelo agente **Luiz Mott**, o que causou estranhamento na comunidade museológica, em que essa polêmica se expressa resistência dos museológicos tradicionalista. (BAPTISTA *et al.*, 2022).

Quadro 1 – Ações

Ação	Agente	Instituição
Memórias LGBTQ+ em Revista https://memoriaslgbt.com/	BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony William	UFG
Museologia e extermínio da população LGBTQIA+ http://lattes.cnpq.br/3331234730616226	MOTT, Luiz	UFBA
Revista Memórias LGBT, 2013 - 2023 https://memoriaslgbt.com/edicoes-memorias-lgbtiq/	BOITA, Tony William BAPTISTA, Jean;	UFG
Rede LGBT+ de Memória e Museologia Social http://lattes.cnpq.br/4186969243487429	BRAGA, Jezulino Lúcio Mendes; BOITA, Tony; BAPTISTA, Jean; WICHES, Camila Moraes; GIOVANAZ Marliane	UFG, UFRGS, UFMG
Seminário Museus, Memória e Memória LGBT+ (Semusa LGBT+) - I, II, III e IV https://memoriaslgbt.com/2020/06/13/lgbtfeminismo/ https://www.even3.com.br/memorialgbtresistencia/ https://www.even3.com.br/memorialgbt10anos/	BRAGA, Jezulino Lúcio Mendes; BOITA, Tony; BAPTISTA, Jean; WICHES, Camila Moraes; GIOVANAZ Marliane; GOMES, Renê Lommez; PINHO Camila; CASTRO, Thaina	UFG, UFMG, UFSC, Universidade Lusófona/ Lisboa, Portugal
Seminário Brasileiro de Museologia (Sebramus) http://www.sebramusrepositorio.unb.br/index.php/1sebramus/ http://www.sebramusrepositorio.unb.br/index.php/2sebramus/ http://www.sebramusrepositorio.unb.br/index.php/3sebramus/3sebramus http://www.sebramusrepositorio.unb.br/index.php/4sebramus/4sebramus https://www.ufrgs.br/5sebramus/	COSTA, Carlos Alberto Santos; MENDONÇA, Elizabete de Castro; CRUZ, Henrique de Vasconcelos ANTUNES, SILVA, Carmen; MAGALDI, Monique; DAMASCENO, Sabrina; AQUINO, Vanessa Barrozo Teixeira; BERTO TTD, Márcia Regina.	UFMG, UFPE, UFPA, UnB, UFRGS
Museu Queer – A presença LGBT nos museus http://outrosurbanismos.fau.usp.br/museu-queer/	Museu da Diversidade Sexual, Sistema Estadual de Museus (SISEM-SP), Pinacoteca	Museu da Diversidade Sexual, Sistema Estadual de Museus (SISEM-SP), Pinacoteca

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Na ocasião, iniciaram-se as primeiras articulações que resulto na fundação da **Rede LGBTQIA+ de Memória e Museologia Social** (Quadro 1, faixa verde), no Fórum Nacional de Museus de 2012, em Petrópolis e tem como objetivo o reconhecimento e a construção da memória da comunidade LGBTQIA+. A partir dessa Rede, atividades aconteceram de modo conectado. Nos dez anos de promoção das ações da Rede, compreende-se que seu objetivo era produzir e apoiar uma Museologia LGBTQIA+ através da perspectiva da interseccionalidade (CASTRO; LADEIA, 2022).

Em 2015, foi criada a primeiro **Revista Memórias LGBT** (Quadro 1, faixa verde), em parceria com o Museu de Favela, o qual promoveu a primeira edição do **Seminário Museus, Memória e Memória LGBT+ (I Semusa LGBT+)** (Quadro 1, faixa laranja), realizada na Universidade Federal de Goiás (UFG), um dos eventos mais bem-sucedidos que passou a reunir as principais pesquisas e ações existentes até aquela conjuntura no país. Em 2020

ocorreu na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) o **II Semusa LGBTQ+: feminismo**, o qual sofreu ataques de grupos fascistas e a equipe do evento ainda não possuía conhecimentos seguros para enfrentar tal cenário online. O **III Semusa LGBTQ+: Resistências** ocorreu em 2021, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em que teve parceria com evento IV Museus e Resistências, evento consagrado daquele curso. Os agentes envolvidos nesta edição formam os bolsistas do curso de Museologia e de profissionais do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFSC e Museu Victor Meirelles (CASTRO; LADEIA, 2022). O **IV Semusa LGBTQ+: 10 anos** ocorre 2023 em Lisboa, Portugal, que se figura a internacionalização do evento.

Outra ação importante evento é o **Seminário Brasileiro de Museologia (Sebramus)** (Quadro 1, faixa vermelha), em 2014 na UFMG e que, desde 2015, em sua **II Sebramus: Pesquisa em Museologia e perspectivas disciplinares/UFPE**; **III Sebramus - Museologia e suas interfaces críticas: museu, sociedade e os patrimônios/UFPA/2017**; **IV Sebramus: Democracia - desafios para a universidade e para a Museologia/UnB/2019**. Os estudos de informação gênero-sexualidade no **GT Museus, Gênero e Sexualidade** aumentaram, segundo o mapeamento realizado por Gabriel Andrade de Freitas, em pesquisa sobre a incidência da temática LGBTQIA+ publicadas em 2012 nas comunicações apresentadas nas quatro edições do **Sebramus** comprova essa afirmação, e no **V Sebramus: Museologia em movimento - lutas e resistências/UFRGS/ 2022** o **GT Museus, Gênero E Sexualidade** se consolidou com a mudança de nome para **GT 5 - MUSEUS, MEMÓRIA E MUSEOLOGIA LGBTQ+**. O mapeamento indica a presença de 16 comunicações sobre a informação gênero-sexualidade em todas as edições do **Sebramus**.

A **XII Primavera dos Museus**, contudo, elegeu o tema **Celebrando a educação em Museus**, cujo texto de referência não contemplava discussões sobre gênero e sexualidade. Ocorre o seminário **Museu Queer – A presença LGBTQ nos museus** (Quadro 1, faixa azul claro), o encontro reuniu especialistas e a partir da perspectiva transdisciplinar, em que as experiências e reflexões sobre a **memória LGBTQIA+** e o papel dos museus nesse resgate. E na ocasião de divulgação do evento Franco Reinaudo argumentou que a invisibilidade da diversidade gênero-sexualidade marca toda a sociedade e que o museu precisa ser incluído. Para ele, a presença de artistas LGBTQIA+ nem sempre é lembrada e, em geral, a temática LGBTQIA+ é comumente velada (SEMINÁRIO..., 2017).

4.3 As Obras

Baptista *et al.* (2022), publicaram o artigo ‘Ensino, Pesquisa e Extensão em Museus e Museologia LGBTQ+: recomendações Queer à formação museológica’, em que o trabalho faz uma descrição do fazer da Museologia e conclui que:

[...] as **memórias**, acervos e documentos dignos de serem musealizados não são apenas aqueles pertencentes a sujeitos brancos, cis e heterossexuais, mas, também, aos dissidentes dessa matriz; em segundo, que é possível empreender ações Queer interseccionadas na formação museológica de modo que se enfrente a LGBTfobia estrutural brasileira (BAPTISTA, 2022, p. 47).

Em termos quantitativos, o referido artigo evidencia 10 (dez) monografias realizadas em Museologia LGBTQIA+ com o recorte de 2014 a 2021, e três dissertações. O trabalho “Mapeamento e Musealização em Revista: memórias LGBT” da autoria de Tony Boita e orientação de Manuelina Duarte e Camilo Braz na UFG foi o primeiro trabalho.

Quadro 2 – Obras

Título	autor(a)	m	d	t	a	c	l	p
Memória LGBT: Mapeamento e Musealização em Revista, 2014. https://files.cercomp.ufg.br/webby/up/106/o/TCC_Tony_Museologia_UFG_2014.pdf	BOITA, Tony Willian	x						
Museologia Comunitária, Comunidades LGBT e Direitos Humanos: estratégias de superação de fobias à diversidade sexual no Brasil, 2017. https://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/05/05-Artigo07TonyJean.pdf	BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony Willian					x		
Revista Memórias LGBT, 2013 - 2023 https://memoriaslgbt.com/edicoes-memorias-lgbtq/	BOITA, Tony Willian							x
Informação e patrimônio cultural LGBT: as mobilizações em torno da patrimonialização da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo https://brapci.inf.br/index.php/res/vi/139721	BRITTO, Clóvis Carvalho; MACHADO, Rafael dos Santos				x			
Sobre o que tenho aprendido com o ensino e a pesquisa na Museologia LGBT. Revista Memória LGBT, Revista Memórias LGBT Ano 9, ed. 14. https://memoriaslgbt.com/edicoes-memorias-lgbtq/	CAMILA, Azevedo de Moraes Wichers				x			
Museologia Lgbt: cartografia das memórias LGBTQI+ em acervos, arquivos, patromônios, monumento e museus transgressores. 2020.	BOITA, Tony Willian						x	
Dossiê: Museus e Museologia LGBTQ+ (v. 11 n. 21 (2022) https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/issue/view/2214	BOITA, Tony Willian, <i>et. al.</i>							x
Cartografias da Transmusealidade: Processos Museológicos em Casas de Acolhida LGBT no Brasil https://www.periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/41792	MACHADO, Rafael dos Santos		x					

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

E até o fechamento desta pesquisa o último artigo intitulado ‘Museologia Sapatão de Victoria Lobo’ orientado por Jean Baptista também na UFG. A partir desta pesquisa nota-se que a UFG é universidade com mais produtividade como quatro trabalhos monográficos e duas dissertações. Porém, é importante considerar outros produtos, como livros, artigos, dissertações, comunicações nesta produção, como evidencia o Quadro 2.

A monografia **Memória LGBT: Mapeamento e Musealização em Revista** da autoria de Tony Boita defendida em 2014 (Quadro 2, faixa roxa), mapeou o estado da arte acerca do construto **memória LGBTQIA+** no campo da Museologia.

O lançamento do Livro “**Museologia Lgbt: cartografia das memórias LGBTQI+ em acervos, arquivos, patrimônios, monumento e museus transgressores**” da autoria de Tony Boita em 2020 (Quadro 2, faixa vermelha), faz um levantamento das iniciativas mundiais que positivam as memórias LGBTQIA+, assim revelando que o legado LGBTQIA+ têm sido sistematicamente excluídos das políticas patrimoniais e dos museus institucionalizados. Essa negação e inviabilização dos **direitos** culturais dessa população LGBTQIA+ é operado pelo um sistema hetero, cis e normativo que objetiva apagar as histórias/memórias associadas às sexualidades LGBTQIA+. Lançada em 2013, a **Revista Memória LGBTQI+**, (Quadro 2, faixa verde), é um periódico digital colaborativo e gratuito, que dissemina a informação gênero-sexualidade com uma proposta científica-artística-estética, e tem como editor chefe Tony Boita; redator Jean Baptista e a direção de Arte Aline Inforsato.

O artigo “**Museologia Comunitária, Comunidades LGBT e Direitos Humanos: estratégias de superação de fobias à diversidade sexual no Brasil**” da autoria de Jean Baptista e Tony Willian Boita (Quadro 2, faixa azul claro), discutiu a invisibilidade LGBTQIA+ nos espaços museológicos de memória, assim como a violação dos **Direitos Humanos** nos processos museológicos. O artigo ‘**Informação e patrimônio cultural LGBT: as mobilizações em torno da patrimonialização da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo**’ da autoria, Clóvis Carvalho Britto e Rafael dos Santos Machado (Quadro 2, faixa amarela) destaca a emergência de realizar estudos Museólogos quanto ao legado LGBTQIA+ como Patrimônio, assim destacando da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo como objeto e estudo e como parte do legado.

O artigo ‘**Cartografias da Transmusealidade: Processos Museológicos em Casas de Acolhida LGBT no Brasil**’ (Quadro 2, faixa rosa claro), trata sobre as cartografias das Casas de Acolhida LGBTQIA+ no Brasil, destacando os processos museológicos nesses espaços, com também aponta os agentes Jean Baptista e Tony Boita como referências das primeiras pesquisas sobre a Museologia LGBTQIA+. O texto “**Sobre o que tenho aprendido com o ensino e a pesquisa na Museologia LGBT**” publicado na Revista Memórias LGBT em 2022 (Quadro 2, faixa laranja), relata a experiência pessoal de Camila A. Moraes Wichers, como pessoa, mulher, feminista, profissional e educadora no âmbito da Museologia LGBTQIA+ como espaço de ensino-aprendizagem.

O “**Dossiê: Museus e Museologia LGBT+ (v. 11 n. 21 (2022))**” (Quadro 2, faixa azul claro) cujo editorial foi elaborado por Clovis Carvalho Britto e Ana Abreu, Monique Magaldi, com apresentação de Tony Boita, Jean Tiago Baptista, Thainá Castro, Inês Gouvea, se constitui um compilado de 15 artigos.

4.4 Os Agentes

Os agentes se configuram nesta pesquisa os pesquisadores de lugar de fala e de sujeito de lugar de sensibilidade que focam Museologia LGBTQIA+, através de ações, obras, pesquisas entre outros. Percebe-se que a Museologia LGBTQIA+ é produzida por historiadores, ponto que pode ser aprofundado por um estudo Interdisciplinaridade Linear, para verificas as forças da história sobre a Museologia.

Quadro 3 - Os agentes

Agente	Formação	Instituição
Tony Willian Boita http://lattes.cnpq.br/9179927304604562	Museologia	UFG
Jean Tiago Baptista http://lattes.cnpq.br/9407792021708165	História	UFG
Ian Habib http://lattes.cnpq.br/2915309933125710	Teatro	UFBA
Jezulino Lucio Braga http://lattes.cnpq.br/4186969243487429	História	UFMG
Geanine Vargas Escobar http://lattes.cnpq.br/4186969243487429	Conservação e Restauro	UA
Marlise Maria Giovanaz http://lattes.cnpq.br/2326349072451464	História	UFRGS
Clovis Carvalho Britto http://lattes.cnpq.br/7846212059366799	Ciências Sociais Gestão Pública Direito	UnB
Camila Azevedo de Moraes Wichers http://lattes.cnpq.br/1268440854810735	História	UFG
Anna Paula Silva http://lattes.cnpq.br/6547407566305194	Museologia História	UnB
Kalyna Ynanhiá Silva de Faria http://lattes.cnpq.br/9421078313405760	História Pedagogia	UFG
Rafael dos Santos Machado http://lattes.cnpq.br/1398011290364672	Geografia História	UFBA

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

O **Tony Willian Boita** é o agente mais produtivo da Museologia LGBTQIA+, entre as contribuições expressadas pelas instituições, ações e obras, ele coordenou o projeto **Memória LGBT no Museu de Favela, Pavão, Pavãozinho e Cantagalo (MUF)**, financiado pela Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro em comemoração aos 450 anos da cidade.

Destaca-se também Jean Tiago Baptista, ele é articulador da **Rede LGBT de Memória e Museologia Social do Brasil, RLGBT**. Ian Habib criou o **Museu Transgênero de História e Arte** (Financiado pelos Prêmios Trajetórias Culturais RS e Palma da Mão e pela Mintbase

Portugal), uma obra artística e um conjunto de tecnologias de produção de arquivos corpo e gênero variantes. Cocoordenador da Linha de Estudos Trans, Travestis e Intersexo do grupo de pesquisa NuCus (POSCULT/UFBA) e membro dos grupos de pesquisa Porra (PPGDAN/UFBA) e Gira (PPGDAN/UFBA). Destaca-se Jezulino Lucio Braga coordena o Projeto de pesquisa **‘Identificação de acervos e coleções para pesquisa sobre a história LGBT’** em Belo Horizonte’.

A agente Geanine Vargas Escobar coordena do Grupo de Estudos **‘Sociomuseologia, Gênero, Raça e Classe’** (Somus-Interseccional) no âmbito da Cátedra UNESCO Educação, Cidadania e Diversidade Cultural - Departamento de Museologia, Lisboa (ULHT). É membro e cofundadora da **‘Rede LGBT+ de Memória e Museologia Social e membro do Projeto Gênero e Performance (GECE)’** do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (UA). Marlise Maria Giovanaz autora do artigo **‘Experiências do Curso de Museologia da UFRGS no Universo LGBT. Revista Memórias LGBT. Clovis Carvalho Britto** - autor do artigo **‘Informação e patrimônio cultural LGBT: as mobilizações em torno da patrimonialização da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo’**. Camila Azevedo de Moraes Wichers é autora do texto **‘Sobre o que tenho aprendido com o ensino e a pesquisa na Museologia LGBT.’** Revista Memória LGBT, v. 9, p. 48-52, 2022.

Anna Paula Silva, uma das organizadoras do evento **‘III Encontro Virtual da Rede | Ensino, Pesquisa e Extensão de Museologia LGBT+: recomendações para superação de fobias a identidades de gênero e orientações sexuais dissidentes na formação museológica’** realizado em 2021. Rafael dos Santos Machado autor da dissertação **‘Cartografias da Transmusealidade: Processos Museológicos em Casas de Acolhida LGBT no Brasil’**, defendida no ano de 2021 no Mestrado em Museologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

A partir da análise histórica-crítica sob *corpus* constituído da interseção entre os fatores instituições, ações, obras e agentes que compõe a realidade museológica atual, as discussões giram em torno de três dimensões epistemológicas possíveis: a **‘Indenidades e memórias’**, **‘Reparação e justiça social’** e **‘Riscos e Proteção do futuro’**. Essas dimensões são destinas, mas se conectam entre si, como variáveis intervenientes, uma refletindo sobre a outra. Percebe-se que elas podem abarcar qualquer comunidade subrepresentada e populações invisibilizadas, embora, identificadas na frequência do fazer e discussões das temáticas que compõe o legado LGBTQIA+. Ou seja, as dimensões **‘Indenidades e memórias’**, **‘Reparação e justiça social’** e **‘Riscos e Proteção do futuro’** são construções epistêmicas que têm alcances para outras realidades.

As dimensões emergem por forças distintas do fazer da museologia entre a abordagem quantitativa e qualitativa. A dimensão '**Identidades e Memórias**' emerge da frequência das temáticas dos estudos atuais, assim da realidade presente. Quanto à dimensão '**Reparação e justiça social**', ela emerge das discussões temáticas que orbitam as narrativas sobre as instituições, ações, obras e agentes, como fatores, essa dimensão reflete o passado da comunidade LGBTQIA+ quanto as equívocos e negligências ante então ocorridas no campo das '**Identidades e memórias**'. Já a categoria '**Riscos e Proteção do futuro**' emerge da consequência reflexiva dos museólogos quanto à preservação do legado LGBTQIA+ e sua conexão com o corpo e *psique* LGBTQIA+ e o futuro. A dimensão '**Riscos e Proteção do futuro**' emerge com o contexto de antecipação, em que se verve para minimizar os equívocos e negligências futuras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Museologia brasileira tem promovido reflexões e atualizações de suas fenômenotécnica, assim o novo espírito científico do campo se encontra em expansão. O alargamento dos quadros do conhecimento na área evidencia um avanço teórico do seu fazer através das temáticas que constituem a Museologia LGBTQIA+. Esse avanço epistemológico é visto pelo conjunto de obras e abertura de pensamento e sujeitos de fala e de sensibilidade.

Porém, a Museologia Social precisa ser vista com mais cuidado quanto à Museologia LGBTQIA+, pois o protagonismo LGBTQIA+ também deve ser domínio da Museologia Social, assim é preciso que os Museólogos Sociais se debruem sobre os estudos epistemológicos. A Museologia LGBTQIA+ tem como agentes principais os historiadores, esses têm empreendido os esforços e a colaboração em parceria com outros agentes de formação para sua promoção humanizada e distanciada do viés decolonial.

Assim, as direções históricas, teóricas e práticas levam a três dimensões epistemológicas, a '**Identidades e memórias**', '**Reparação e justiça social**' e '**Riscos e Proteção do futuro**' que se relacionam e podem ser inseridas na Museologia Social como pilares para aparar epistemologicamente a Museologia LGBTQIA+.

Assim, a partir destas três dimensões recomenda-se que os museólogos empreendam esforços para promover novas pesquisas no campo epistemológicos da Museologia Social e da Museologia LGBTQIA+.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P. A Hermenêutica na Ciência da Informação: da revisão de literatura ao esboço de uma metodologia. **Ibersid: revista de sistemas de información y documentación**, v. 16, n. p. 83-92, 2022.

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BAPTISTA, J. T., *et al.* Ensino, Pesquisa e Extensão em Museus e Museologia LGBT+: recomendações Queer à formação museológica. **Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 11 n. 21, 2022.

BRASIL. **Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009**. Institui o Estatuto de Museus. Brasília, DF: Presidência da República, [2009].

CHAGAS, M.; GOUVEIA, I. Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). **Cadernos do CEOM Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina**, [S. l.], n. 41, dez. 2014.

COSTA, L. F. **Museologia no Brasil, século XXI**: atores, instituições, produção científica e estratégias, 2017. 405f. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Ciência) – Universidade de Évora, Évora, 2017.

DUARTE, A. **Nova Museologia**: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora. 2013. *Museologia e Patrimônio*, [s. l.], v. 6, n.2, 2013.

HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de TOMAZ, T. da S.; GUARACIRA, L. L. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LADEIA, L. C. M.; CASTRO, T. A Museologia LGBT existe? reconstruindo os passos do movimento LGBT+ junto à museologia brasileira. **Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 11, n. 21, p. 231–248, 2022.

MOUTINHO, M. C. Sobre o conceito de museologia social. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v.1, n.1, 1993.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. **Criação de conhecimento na empresa**. 19. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RODRIGUES, D. A. O museu como instituição-memória. **Revista Benjamin Constant**, v. 1, n. 1, p. 1, 2005.

ROSA, A. S. **História dos museus e das coleções**. Indaial: UNIASSELVI, 2021.

SANCHES, S. M. **Hermenêutica**. Indaial: Uniassevi, 2013.

SANTANA, S. R. *et al.* Produção da informação gênero-sexualidade na ciência da informação: aspectos grupais, sociais e culturais LGBTQIA+ aplicados à biblioteconomia a partir do lugar de fala. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 22., Porto Alegre, RS, 2022. **Anais [...]** Porto Alegre, RS, 2022.

SEMINÁRIO Museu Queer. **A presença LGBT nos museus**

SOUZA, L. C. C. E. Museu integral, Museu integrado: a especificidade latino-americana da Mesa de Santiago do Chile. **Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material**, v. 28, [https://preser](https://preser.museu.paulista.org.br/) 2020.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TOLENTINO, A. Museologia Social: apontamentos históricos e conceituais. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 52, p. 21-44, 2016.